

BRUNO TOLENTINO: NOS CAMPOS DA POLÊMICA

BRUNO TOLENTINO: IN THE CONTROVERSY'S FIELDS

Nívia Maria Santos Silva¹

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciene de Almeida Azevedo

RESUMO: O presente artigo parte da hipótese de que a atitude polêmica dos escritores, mais do que um traço de sua personalidade, é uma posição estética e eletiva que se toma dentro do campo literário. Cada posição tomada no campo representa a exclusão de outras e é produto de complexas relações nele estabelecidas que podem interferir na exclusão ou prestígio daqueles que nele atuam. Para confirmar esse pressuposto, os conceitos operatórios bourdieusianos, como *campo*, *capital social*, *capital cultural*, *capital simbólico* e, especialmente neste trabalho, o conceito de *tomada de posição* (BOURDIEU, 1996, 2003), serão adotados como fundamentação teórica e a postura polêmica do poeta, tradutor e crítico literário brasileiro Bruno Tolentino será o objeto de estudo das investigações que aqui se iniciam. A partir disso, este artigo tem por objetivo situar a intervenção polêmica de Bruno Tolentino, no campo literário brasileiro da década de 90 do século passado, como uma *tomada de posição*, ou seja, como uma ação estratégica dentro do campo, relacionada com as aspirações nele depositadas. Para alcançar esse intento, o artigo terá como principal *corpus* o texto *Crane anda para trás como caranguejo*, de Bruno Tolentino, publicado inicialmente no jornal *O Estado de São Paulo* (1994) e os demais textos críticos presentes no livro *Os sapos de ontem* (1995).

Palavras-chave: Bruno Tolentino. Campo literário brasileiro. Polêmica.

ABSTRACT: This article starts from the hypothesis that writers' controversial attitude, more than a trace of their personality, is an esthetic and elective position taken within the literary field. Each position taken in the field represents the exclusion of others and is the product of complex relationships in it established that may interfere with the exclusion or prestige of those who work in it. To confirm this assumption, operating Bourdieusian concepts such as *field*, *social capital*, *cultural capital*, *symbolic capital* and, especially in this work, the concept of *position taking* (BOURDIEU, 1996, 2003), will be adopted as the theoretical foundation and the controversial stance of the poet, Brazilian literary critic and translator Bruno Tolentino will be the object of study of the investigations that have begun here. From that, this article aims to situate the controversial intervention of Bruno Tolentino, in the literary field of the 1990s, as a position, i.e., as a strategic action within the field, related to the aspirations in it deposited. To achieve this purpose, the article will have as main *corpus* the text *Crane anda pra trás como caranguejo*, by Bruno Tolentino, first published in the newspaper *O Estado de São Paulo* (1994) and other critical texts present in the book *Os sapos de ontem* (1995).

Keywords: Bruno Tolentino. Brazilian literary field. Controversy.

RESUMEN: El presente trabajo parte de la hipótesis de que la actitud polémica de los escritores es una posición estética y electiva que se toma dentro del campo literario. Cada posición tomada en el campo es una exclusión de otras y es producto de complejas relaciones establecidas en él que pueden interferir en la exclusión o prestigio de aquellos que en él actúan. Para confirmar esto presupuesto, los conceptos operatorios bourdieusianos, como *campo*, *capital social*, *capital cultural*, *capital simbólico* y, especialmente en este artículo, en el concepto de *toma de posición* (BOURDIEU, 1996, 2003), serán tomados como fundamentación teórica y la postura polémica del poeta, traductor y crítico literario brasileño Bruno Tolentino será el objeto de estudio de las investigaciones que aquí se inician. A partir de esto, este artículo tiene por objetivo ubicar la intervención polémica de Tolentino, en el campo literario brasileño de la década de los 90 del siglo pasado, como una *toma de posición*, que es una acción estratégica en el campo, relacionada con las aspiraciones depositadas en él. Por lo tanto, este trabajo tendrá como principal *corpus* lo texto *Crane anda para trás como caranguejo*, de Bruno Tolentino, publicado, inicialmente, en el diario *O Estado de São Paulo* (1994) y otros textos críticos publicados en el libro *Os sapos de ontem* (1995).

Palabras clave: Bruno Tolentino. Campo literario brasileño. Polêmica.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLITCult/UFBa). E-mail: niviamvasconcellos@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

É importante pensar em como se realiza a inserção do nome de um autor no campo literário ou o que, de algum modo, impediu ou retardou essa sua inserção. Diferente do que possa parecer, não é a somente a qualidade estética que determina aqueles que serão aceitos e mantidos no campo. Existem outros fatores que prescindem a meritocracia, a qual, no campo literário, tem um grau de relatividade ainda maior do que em outros.

Os campos literários, assim como todos os campos sociais com as leis gerais que regem o seu funcionamento, são espaços de *luta* nos quais pretendentes e dominantes, mesmo que não deliberadamente, concorrem entre si em busca de um *objeto de disputa*, que, dentro de seus *interesses específicos*, acabam por motivar cada um a entrar no *jogo*. Nas palavras de Bourdieu, criador dessa teoria dos campos, “A estrutura do campo é um estado da relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta” (2003, p. 120).

O objeto de disputa dentro do campo da literatura é, sobremaneira, a consagração literária. Essa consagração, em grande parte, no entanto, é mediada pelas instâncias reguladores do campo, entre as quais estão o sistema de ensino, o mercado editorial e as universidades. Garantir *presença* nesses espaços legitimadores do trabalho literário é um meio de alcançar a tão almejada inserção no campo. Entretanto, a grande questão é que essa *presença* não se dá de forma natural, e sim envolve uma série de artifícios empregados nas disputas entre aqueles que lutam por um espaço e, por isso, querem promover a mudança, a *revolução*, tendo uma postura *herética*; e aqueles que pretendem se manter no lugar de dominação e, por isso, assumem uma posição de resistência, tendo uma postura que pode ser chamada de *conservadora*. Essa relação, nem sempre propositalmente interessada, acaba por promover a dinâmica dos campos e a estabelecer sua estrutura.

O campo literário brasileiro não é diferente. Pela defesa de sua posição no campo ou pela sua introdução nele, muitos entraram em conflitos intelectuais e literários diretos, através, muitas vezes, da polêmica que, enquanto um gênero com suas características e finalidades, é um considerável meio de demarcar as *tomadas de posição* que são “adversários a combater, tomadas de posição estabelecidas a ‘superar’ etc.” (BOURDIEU, 1996, p. 165, grifo do autor).

O texto polêmico apresenta, geralmente, algumas peculiaridades que o definem enquanto gênero textual. Uma de suas principais características é a sua linguagem. Sempre

incisiva e repleta de expressões depreciativas, sua linguagem é, muitas vezes, tanto agressiva quanto irônica. Esses recursos são aplicados porque a sua retórica é construída de modo a enfatizar a fragilidade do outro (no caso, o opositor) e fazer com que suas qualidades sejam desmerecidas ou eclipsadas. Com esse intento, os polemistas lançam mão de uma infinidade criativa de metáforas pejorativas e até de xingamentos.

Na polêmica, há também espaço para o humor que, às vezes, suaviza alguma afirmação mais forte, tornando-a mais agradável, mas, outras vezes, intensifica-a, atribuindo ao texto um tom de galhofa que ridiculariza seu destinatário. Vale destacar, no entanto, que ridicularizar o opositor não é o objetivo central das polêmicas, é mais um meio, não o seu fim. A principal meta das polêmicas é definir um lugar de fala, demarcar seu ponto de vista político, estético, literário etc., delimitar as ideias a serem superadas, assim como também quem são seus aliados e adversários. O texto polêmico, antes de tudo, é uma *performance* em defesa de uma opinião (ou opiniões) que revela muito das escolhas de seu produtor e, conseqüentemente, de seu campo de atuação.

Alguns livros, por exemplo, tentam dar conta das diversas contentas de literatos e intelectuais brasileiros, principalmente entre o final do século XIX e início do século XX, entre eles: *A vida literária no Brasil – 1900* (BROCA, 1973), *Estrutura Social da República das Letras - Sociologia da Vida Intelectual Brasileira – 1870-1930* (MACHADO NETO, 1973) e *Duelo no serpentário* (BUENO, 2011). Eles tratam de contendas envolvendo nomes como Sílvio Romero, Lafayette Rodrigues, José de Alencar, Gonçalves de Magalhães e, entre outros, até mesmo D. Pedro I. Sílvio Romero chegou a ser visto como “uma cascavel, vinda dos sertões de Sergipe, [...] ameaçava a todo o mundo com a violência de sua mortífera peçonha” (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 319).

Essas polêmicas se tornavam conhecidas pela publicação dos textos polêmicos nos jornais que, se hoje ainda exercem influencia sobre os leitores, na época de Romero, eram um dos principais legitimadores dentro do campo literário brasileiro já que “toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais” (MICELI, 1977, p. 15).

A postura polêmica, portanto, não é uma atitude gratuita, por isso precisa ser problematizada. Vê-la como uma *tomada de posição* é tê-la como uma estratégia do *jogo*,

como uma ação, na qual, em busca de *capital simbólico*, o integrante do campo manifesta o seu lugar de fala e investe seu capital *cultural* e *social*.

Todas essas expressões fazem parte do idioma conceitual bourdieusiano e permitem uma análise desnaturalizada do campo literário. O *capital simbólico* é um capital imaterial, representado pelo prestígio, pelo reconhecimento que os agentes acumulam ao longo de sua socialização. O *capital social* é constituído pelas relações sociais úteis que permitem aos agentes criarem uma rede de relações nos campos em que atuam. O *capital cultural* pode ser incorporado por meio da herança familiar imaterial ou por meio de títulos e certificados, como os chancelados pelo sistema escolar e acadêmico. Todos eles, acumulados, interferem na posição do indivíduo no campo e, conseqüentemente, em suas *tomadas de posição*.

Os campos sociais se fazem justamente desses investimentos. Analisar as polêmicas literárias dentro dessa abordagem bourdieusiana é, então, atribuir a elas importância e significado, pois é reconhecer que elas podem dizer muito sobre o funcionamento do campo literário de uma época específica e nos fazer entender melhor as dinâmicas que tanto interferem nos processos de consagração e ostracismo.

Diante disso, este artigo levanta a hipótese de que a atitude polêmica dos escritores é uma *tomada de posição* dentro do campo literário que pode interferir na exclusão ou prestígio daqueles que nele atuam. Partindo desse pressuposto e tendo por embasamento teórico os conceitos operatórios bourdieusianos, como *campo* e *capital simbólico* (BOURDIEU, 1996, 2003), temos por objetivo situar a intervenção polêmica do poeta, tradutor e crítico literário Bruno Tolentino, no campo literário brasileiro da década de 90 do século XX, como uma *tomada de posição*, ou seja, uma aposta de Tolentino na mudança do *stablishment* literário brasileiro.

2 BRUNO TOLENTINO NOS CAMPOS DA POLÊMICA

Línguas viperinas que incitaram debates acalorados não são privilégios do século XIX nem das primeiras décadas do século XX. O poeta, tradutor e crítico literário Bruno Tolentino protagonizou, no último quartel do século passado, um embate entusiasmado com o também poeta, tradutor e crítico literário Augusto de Campos. Como nos debates de outrora, a polêmica Tolentino-Campos saiu dos bastidores da cena literária e se tornou pública por meio de jornais e ainda foi publicada no livro *Os sapos de ontem* (1995).



Fig. 01: Capa do livro
Os sapos de ontem

Esse livro, além de poemas satíricos compostos por Tolentino, copila alguns dos textos jornalísticos que marcaram esse confronto literário deflagrado nos jornais brasileiros nos anos 90. Por isso, não à margem de sua importância literária, mas, sobretudo, por causa dela, apresenta também uma importância sociológica para a melhor compreensão do funcionamento do campo. A polêmica que apresenta é tanto produto, enquanto resultado das dinâmicas do próprio do campo, ou seja, das *lutas* nele empenhadas; quanto uma aposta, pois, ao polemizar, ele teorizava sobre o próprio fazer poético e defendia os princípios fundamentais de sua poética. Dessa forma, sua atitude polêmica pode ser considerada resultado tanto quanto investimento no campo, o que a configura como uma *tomada de posição*, o meio que Tolentino emprega a fim de motivar mudanças no campo literário brasileiro.

Assim não dá! O verso vai bem, muito bem em mãos de muita gente por este Brasil que cansou de usurpadores. Mas vai mal, muito mal há quatro décadas com nossa dita “vanguarda”, a mais envelhecida e empoeirada vitrina terceiro mundista (TOLENTINO, 1995, p. 45, grifo do autor).

2.1 A LÍNGUA FERINA COMO POSIÇÃO *HERÉTICA*

Bruno Lúcio de Carvalho Tolentino nasceu em 1940 no Rio de Janeiro e faleceu em 2007, em São Paulo. Integrava uma família de literatos dos quais se destacam a escritora Lúcia Miguel Pereira de quem era sobrinho e seus primos Antônio Cândido e Bárbara Heliodora, críticos de literatura e teatro, respectivamente.

Na década de 60 do século passado, ganhou o prêmio *Revelação do Autor* pelo livro *Anulação e outros reparos* (1963). A partir dos 24 anos de idade, promoveu o autoexílio indo residir na Europa (Itália, França e, principalmente, Inglaterra) onde permaneceu por quase três décadas. Ao longo desse período, lançou dois livros: *Le Vrai Le Vain* (em 1971) e *About the hunt* (em 1979), ensinou na universidade inglesa Bristol e publicou poemas na revista *Oxford Poetry Now*, em 1973. Ainda na Europa foi preso por tráfico de drogas em Dartmoor (1987-1989).

Ao voltar para o Brasil na década de 1990, lançou os livros *As horas de Katharina* (em 1994), *Os Deuses de hoje* (em 1995), *O mundo como ideia* (em 2002) e *Imitação do amanhecer* (2006), os dois últimos lançados pela editora Globo. Logrou alguns importantes prêmios como: *Jabuti* (em 1995, 2003 e 2007), *Cruz e Souza* (em 1995), *Abgar Renault* (em 1996), *Senador Ermírio de Moraes* (em 2003).

Embora já tenha acumulado, na década de 1990, três importantes prêmios (*Revelação do Autor*, *Jabuti* e *Cruz e Souza*) e lançado por editoras de grande porte (*Companhia das letras* e *Record*), que são fortes instâncias de legitimação, Tolentino investia numa posição de maior influência no campo literário brasileiro, o que pode ser inferido a partir das *lutas* que começou a empenhar e das declarações que se somaram ao longo de entrevistas e intervenções jornalísticas em geral. Como esta:

Nunca deixei de me espantar com a qualidade dos meus poemas. Sou um dos nossos poetas maiores, mas isso todo mundo sabe. Menos óbvio é que sou um dos líricos do pensamento na linhagem que vai de Dante e Leopardi, a Montale, Rilke, Yeats, Drummond e Fernando Pessoa.²

Depois de 30 anos afastado de uma atuação direta no campo literário brasileiro, ele retorna como um *recém-chegado* que necessitava entrar novamente no *jogo* e aplicar as suas “estratégias de subversão” (BOURDIEU, 2003, p. 122). Chamar a atenção para si, para suas qualidades e depreciar as instâncias que, a seu ver, não o aceitavam, e aqueles que não comungavam de sua postura estética, eram meios de penetrar em outras camadas do campo e conseguir notoriedade com determinados grupos que o constituem.

Só entro numa universidade disfarçado de cachorro ou levado por uma escolta de estudantes. Sou um vira-lata muito barulhento. Não vão me convidar para nada porque eu quero acabar com os empregos e mordomias deles. Quero que eles

² Declaração proferida na entrevista *Quando Deus chama o poeta*, concedida a Hugo Stuard. Disponível em <http://studart.blog.br/index.php/quando-deus-chama-um-poeta/>. Acesso em 10 set. 2013.

passem por todos os exames de Oxford para ver se sabem mesmo alguma coisa (TOLENTINO, 1996, p. 10).

Afirmações polêmicas como essa, além de constituírem um traço de sua própria personalidade (ele mesmo afirmava ter uma “língua ferina entortada pelo vício da ironia”³), também representa um investimento em novas posições no campo. Toda a entrevista concedida por Tolentino a revista *Veja*, intitulada *Quero meu país de volta*, serve de exemplo de sua verve polemista que ia formando seu cânone particular, demarcando suas posições estéticas e não poupava muitos do que já estavam estabelecidos no campo.

Crescemos e fomos amigos juntos [Tolentino e Merquior], tínhamos ideias convergentes embora nem sempre coincidentes. Quando ele morreu, em 1991, houve um grande suspiro de alívio entre nossos críticos e poetômanos. Infelizmente ele era embaixador. Eu não sou embaixador de nada. Essa gente [os já estabelecidos] está morta de medo de que eu venha a ter uma tribuna (TOLENTINO, 1996, p. 08).

Essa posição *herética*, no sentido bourdieusiano, é mais do que simplesmente elogiar aliados em detrimento dos adversários e vice-versa, é uma ruptura crítica com o estabelecido que visa interferir na estrutura do campo, o qual, por sua vez, “é um estado da relação de forças entre os agentes” (BOURDIEU, 2003, p. 120). Cabe ressaltar que o investimento na posição herética não representa, necessariamente, a instituição do novo, mas pode inclusive ser a reivindicação de um retorno a um estado anterior ao estabelecido, nas palavras do próprio Bourdieu:

Nos campos de produção de bens culturais, religião, cultura, literatura, arte, a subversão herética reclama-se do regresso às primeiras fontes, à origem, ao espírito, à verdade do jogo, contra a banalização e a degradação da qual ele foi objeto (BOURDIEU, 2003, p. 122).

Enquanto aplicada por meio da polêmica, essa *estratégia de subversão* pode se apresentar como um gênero fértil para a propagação de ideias sobre o ato poético, de leituras, de juízos sobre outros escritores, da forma de assumir a prática literária e, sobretudo, de *atacar* aqueles que estavam numa posição dominante. Enfim, uma maneira de demarcar sua postura estética e, mais que isso, uma atitude ideológica e eletiva.

2.1.1 *Os sapos de ontem*

³TOLENTINO, Bruno. *Encarnação de Goethe*. Correio Brasiliense, 18 jan 2003. Entrevistado por Nahima Maciel. Disponível em <<http://archive.today/PqffX>> Acesso em mai 2015.

A principal polêmica na qual Tolentino investiu foi contra os poetas concretistas, principalmente Augusto de Campos. A chamada polêmica Tolentino-Campos se deu no *Caderno 2* do jornal *O Estado de São Paulo* e teve início em 03 de setembro de 1994, quando Bruno Tolentino publica uma resenha intitulada *Crane anda para trás como caranguejo*. Esse texto critica a tradução que Augusto de Campos fez do poema *Praise For Urn*, de Hart Crane, publicada no *Caderno Mais* do jornal *Folha de São Paulo* do dia 7 de agosto de 1994, juntamente com seu texto *Hart Crane: a poesia sem troféus*.

Nesse texto, Tolentino, para tomar defesa de sua postura estético-literária, acaba por criticar negativamente o método de tradução aplicado por Augusto de Campos e aproveita para definir uma postura anti-concretista, classificando Campos como um “artífice-tradutor” (TOLENTINO, 1995, p. 45) e, entre umas colocações sagazes e outras sarcásticas, alicerçadas bem ao estilo ferino oitocentista, podemos encontrar julgamentos como estes: “os versos são rijos, o ritmo vai a reboque da métrica e bamboleia ao sabor do previsível e do irresponsável” (TOLENTINO, 1995, p. 45).

Crane anda para trás como caranguejo mais que uma matéria jornalística é uma espécie de manifesto de Tolentino, não apenas contra Augusto de Campos, e sim, mais amplamente, contra o ideal da poesia que ele representava, por isso pode ser considerada uma *tomada de posição*. As *tomadas de posição*, entretanto, relacionam-se, diretamente, com os campos de poder, e acabam por interferir no prestígio daqueles que nele atuam.

Isso não significa dizer que, de forma determinista, o caráter de polêmico, automaticamente, eclipsa os méritos literários daqueles que o possuem. Não é o fato de ser polemista que atribui ao autor um estigma negativo que pode prejudicar a recepção da obra literária, mas a conjuntura na qual a polêmica se realiza, de que forma ela se dá e contra quem são direcionados os julgamentos e depreciações, ou seja, quem são os adversários e que posição possuem no campo de produção cultural.

Rivalizar com Augusto de Campos equivaleu-se a rivalizar contra Haroldo de Campos, Décio Pignatari e o movimento vanguardista que lideraram a partir da década de 50 do século passado: o *Concretismo*. Com lançamento oficial em 1956, durante a *Primeira exposição nacional de arte concreta* no *Museu de Arte Moderna de São Paulo* (MAMSP), esse movimento passou a influenciar outros, nem sempre literários, como o *Tropicalismo* (em 1967) e o *Poema-processo* (em 1968).

Para alcançar essa posição *dominante* no campo literário, esse grupo investe contra a Geração 45 e propõe numa *nova linguagem* e numa *nova poesia* representada pelo poema visual, experimental, pelo ideograma, a quebra do verso como unidade rítmico-formal e produz manifestos que foram retratados em seu livro *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960* (CAMPO, 1975).

Vale destacar que, uma vez tendo feito seus investimentos no campo literário brasileiro, os líderes concretistas passaram a ter forte nome no campo da crítica literária e das traduções. Ao trabalho deles é atribuída a revalorização de poetas como Sousândrade, Pedro Kilkerry e Oswald de Andrade. No campo da tradução, são considerados os responsáveis pela divulgação de Mallarmé, Joyce, Pound, no Brasil. Ainda atuaram, através da docência, em universidades como PUC-SP, USP e UnB.

Com tais atuações, eles estavam presentes em diversas das instâncias dominantes do campo de produção cultural: publicavam com frequência em cadernos culturais de jornais, lançavam livros por editoras de pequena, média e grande circulação, entravam para o sistema escolar que os sacralizava como líderes de um importante movimento literário que influenciou gerações. Ou seja, ocupavam espaço privilegiado no sistema literário brasileiro da década de 90 do século XX, o que os possibilitava mobilizar mais capital social e mais prestígio.

Diante disso, podemos deduzir que Augusto de Campos levava vantagem simbólica sobre Bruno Tolentino. Ademais, seu projeto artístico ultrapassava o universo literário, por se relacionar, intersemioticamente, a mídias em geral e a outras esferas artísticas como as artes visuais e, sobretudo, à música. Isso lhe rendeu muitos lucros simbólicos, como reconhecimento e popularidade⁴.

Além disso, o fato de, no grupo concretista, haver professores universitários⁵ lhe conferia mais capital simbólico e lhe possibilitava maior capital social, importantes para galgar uma posição de prestígio no ambiente não só literário, mas também acadêmico.

Esse alcance se deve principalmente a atuação deles no campo da teoria, no qual deixaram uma obra vasta tanto de teoria literária quanto de tradução, o que impulsionou ainda

⁴ Um acontecimento jornalístico comprova como Augusto de Campos possui ainda muita difusão e popularidade. Recentemente, um de seus poemas, “VIVA A VAIA”, foi usado, à sua revelia, para ilustrar uma matéria do jornal Folha de São Paulo a favor das vaia recebidas pela Presidenta Dilma Rousseff, em resposta a essa utilização não autorizada, Augusto de Campos escreveu: “VIVA DILMA. VAIA AOS VIPS”. Vários blogs e redes sociais passaram a comentar o assunto e muitas mídias virtuais passaram a reduplicar ambas as frases, o que lhe oferece mais visibilidade.

⁵ Haroldo, por exemplo, foi professor-visitante da universidade do Texas, Austin, Yale, New Haven, PUC-SP e Décio Pignatari foi professor na FAU/USP, UnB e PUC-SP.

mais a repercussão das teses da poesia concreta. Vale destacar também a influência dos poetas que eles colocaram em destaque. Podemos acrescentar ainda que, a revista *Noigrandes*, editada pelo trio concretista ao longo de dez anos, foi um grande concentrador das produções literárias e das reflexões sobre a poesia de vanguarda.

Diante desse acúmulo de *capital simbólico, cultural e social*, Augusto de Campos e seu grupo tinham, nas últimas décadas do século XX, uma espécie de “monopólio da legitimidade literária” (BOURDIEU, 1996, p. 253) – ou seja, a autoridade de definir o que é ou não literatura, quem é ou não um escritor, em outras palavras, eram parâmetros literários a serem seguidos.

Isso fazia com que Campos, já reconhecido e estabelecido no campo literário, passasse para uma posição dominante, por isso *conservadora* (no sentido de empenhar ações com o intuito de continuar nessa posição), mudança natural dentro da dinâmica que se realiza em qualquer campo social; enquanto Tolentino estava na Europa, atuando em outro sistema literário, formando um capital social e cultural difícil de ser convertido imediatamente como vantagem no campo literário brasileiro, por despertar desconfiança em alguns e descrença em outros.

Em *Uma História da Poesia Brasileira*, Alexei Bueno chega a afirmar que: “A sua volta [volta de Tolentino] marcou a entrada na cena literária nacional do maior mitômano nela aparecido pelo menos desde a chegada de Antônio Botto” (BUENO, 2007, p. 390). Ou como colocaria Cristiane Costa em sua matéria *Duas ou três verdades sobre Bruno Tolentino*:

Estar-se-ia diante de um mitômano capaz de fazer de trouxa meio mundo literário? Ou seria apenas intriga da oposição, invejosa do brasileiro que chegou vangloriando-se de que foi amigo de Auden, professor das universidades de Bristol e Essex e diretor da Oxford Poetry Now, entre outros méritos conquistados no estrangeiro.⁶

Não cabe aqui a investigação da veracidade das afirmações de Tolentino, mas enxergá-las como um instrumento de combate, como *capital social e cultural* investido em busca de aliados, empenhado a favor de seus objetivos literários.

Ao retornar para o Brasil nos anos de 1990, então, Tolentino se depara com a posição de Campos já legitimada e com a necessidade de buscar tanto a sua legitimação quanto a da poética que defendia. Diante disso, precisa reivindicar seu espaço no campo literário

⁶ COSTA, Cristiane. *Duas ou três verdades sobre Bruno Tolentino*. Disponível em <<http://brtolentino.wordpress.com/duas-ou-tres-verdades-sobre-bruno-tolentino-2003-entrevista-por-cristiane-costa-jb-online/>>-Acesso em fev. 2014.

brasileiro e, tendo a polêmica como seu meio de manifestação, escolhe campos como um dos adversários a combater: “Não, irmãos, nem o caçula/nem o sapo primogênito/tem qualquer talento ou gênio,/tem só ambição, só gula” (TOLENTINO, 1995, p. 74). Os irmãos citados são, justamente, Augusto e Haroldo de Campos e os versinhos criticam a posição em que se encontram, contestando suas qualidades e, assim, o mérito da posição que ocupam. Dizer que eles têm “só ambição, só gula” aproxima os três da ideia de autoridade que quer manter a sua hegemonia, acumular cada vez mais prestígio, não abrindo espaço para outras possibilidades poéticas.

Ferir a imagem de seus *adversários*, tentar quebrar qualquer tipo de unanimidade acerca deles, até ser radical nas colocações realizadas são característica da polêmica. Aquele que faz uso dela, como Tolentino, coloca-se em lugar de oposição e, como toda oposição, visa à transformação do já instituído.

O espantoso, o flagrantemente artificial, pois, não era apenas que os gaguejos futuristóides de *Noigandres* nascessem dos ainda recentes bocejos parnasianísticos e abarrocados de três autores em nada distintos da pior mediocridade morna da dita Geração 45, à qual o trio de fato pertence em estilo, mentalidade e fôlego (TOLENTINO, 1995, p. 14).

Esse julgamento tenta aproximar os irmãos Campos e Pignatari da *Geração 45*, grupo contra o qual os concretistas, por sua vez, rivalizaram. Presente no livro *Os sapos de ontem*, esse juízo é mais viperino do que parece ser, pois os poetas concretistas romperam, em 1952, com a dita *Geração 45* ao saírem do *Clube de poesia*, por acharem que seus integrantes pregavam um retorno a formas tradicionais enquanto eles passavam a defender o experimentalismo. Ao aproximar os três autores “da mediocridade morna da dita Geração 45”, Tolentino, então, também os aproxima da ideia de retrógrados e reacionários, produtores de “bocejos parnasianísticos e abarrocados”, são “subgeração de 45” (TOLENTINO, 1995, p. 62), tudo do que o grupo concretista, ao defender uma poesia de vanguarda, queria se afastar.

Além de afirmações como essa sobre a poesia de Campos e seu grupo, Tolentino produz classificações depreciativas acerca da tradução de Augusto de Campos, através das quais objetiva colocar em cheque sua erudição: “cacoetes pseudo-cultos” (TOLENTINO, 1995, p. 45), sua escolha estético-literária: “o augusto escriba sucumbe ao sub-parnasianismo (TOLENTINO, 1995, p. 47), sua inteligência: “ignorância do inglês idiomático” (TOLENTINO, 1995, p. 47) e chega à conclusão de que Campos não passa de um “insosso dublê de Pitanguy literário” (TOLENTINO, 1995, p. 51).

Nessas colocações, presentes no texto *Crane anda para trás como caranguejo*, fica bem claro o ataque ao *capital simbólico* acumulado por Campos não só como poeta, mas também enquanto tradutor e teórico da literatura, ou seja, ao reconhecimento que ele amontoou em todas as instâncias em que atuava, nas quais já tinha se estabelecido. Falar que os irmãos Campos nunca souberam traduzir pode causar estranheza em muitos que foram influenciados pelo legado de tradução poética que deixaram, inclusive, influenciados pelo seu processo de tradução, chamada *transcrição*⁷. Fazer, então, afirmações como essas é colocar-se em um lugar de fala específico, é tentar relativizar o já determinado, é tentar ocasionar rupturas críticas e reabrir o espaço literário para o debate por meio do choque, do confronto.

Como em toda boa polêmica, nessa houve também espaço para a tréplica. Augusto de Campos produz uma carta ao editor do *O Estado de São Paulo*: Júlio Mesquita Neto. A carta foi enviada ainda em setembro de 1994 e publicada com o título *Autor se diz vítima de ataque orquestrado*. Nela, Campos exige o direito de resposta e afirma ser “evidente a orquestração da matéria pelo atual diretor do suplemento [João Moura] [...] mal jornalista, meu desafeto que se vale da posição para ofender-me por mãos alheias”. Quanto ao texto de Tolentino, ele o sintetiza como “uma inaudito enxurro de insultos e grosserias a meu respeito” (CAMPOS, 1995, p. 55). Assim como Tolentino empenhava-se em deslegitimar seu prestígio, Campos contra-ataca depreciando o editor do jornal, desacreditando a sua competência, “mal jornalista” e tirando a atenção do debate de ideias para o espaço da desavença pessoal, “meu desafeto”. Junto com essa carta, Campos envia a sua resposta a Tolentino, publicada com o título *Réplica chegou tarde ao editor da seção*. Nela, salienta que:

Nada mais natural e legítimo do que as diferenças de opinião no mundo das ideias e da literatura. Não se pode confundir, no entanto, divergência com violência e crítica com coice. Não é dessa forma que se enriquece o debate cultural (CAMPOS, 1994, p. Q1).

Ainda que tenha começado dessa maneira moderada, ele não deixa de também demarcar acintosamente sua postura acerca da tradução de Tolentino: “[...] é tão risível o seu arremedo, recheado de pés quebrados e de rimas pobres, frouxo e adiposo a ponto de acrescentar ao texto uma estrofe inteira inexistente no original” (CAMPOS, 1994, p. Q1).

⁷ Haroldo de Campos utilizou diversos neologismos para nomear seu método de tradução como *transparadização*, *transluciferação*; *transcrição* é um deles. Marcelo Tápia e Thelma Médiçi Nóbrega organizaram recentemente um livro, pela Editora Perspectiva, em que reúnem o legado de Haroldo de Campos à teoria da tradução poética, cujo título é justamente *Transcrição* (2013).

Em sua defesa, Campos reconhece a estratégia tolentiana: “O articulista se permite alinhar um inaudito enxurro de insultos e grosserias a meu respeito, com a clara intenção de injuriar-me e de tentar denegrir minha reputação de escritor”. Com o objetivo de manter essa reputação, utiliza a mesma tática para tentar desmoralizar Tolentino diante de seus leitores: “[Bruno Tolentino é um] arrivista, salta-pocinhas internacional [...] que quer conquistar espaço a tamancadas” (CAMPOS, 1995, p. 57).

Essa reação de Campos é o próprio reconhecimento de que ele possui uma reputação literária e representa um esforço para mantê-la, logo visa a sua manutenção numa posição consagrada no *jogo*, é uma defesa do prestígio e reconhecimento que conseguiu acumular nas décadas de ação literária dentro do campo. Nessa defesa do seu *capital simbólico*, assume a posição de resistência a fim de reafirmar o poder que alcançou. Exige respeito pela sua *bagagem* e atuação nos domínios da literatura.

Esta afirmação é bem representativa disso: “com mais de 40 anos de atividade poética, e mais de 40 livros publicados, dois terços dos quais dedicados à tradução de poesia, tenho bagagem literária abismalmente superior à do desprezível e obscuro articulista.”⁸ O tempo de investimento no campo literário brasileiro: *40 anos de atividade poética*; os produtos gerados nele: *40 livros publicados*, legitimariam sua posição no campo literário e justificariam sua consagração, em detrimento da posição de Tolentino que, além de ter passado quase 30 anos na Europa, em 1994, tinha lançado *apenas* 4 livros, sendo que dois deles fora do Brasil.

Em resposta, no texto *Criticado prefere esbravejar a argumentar*, publicado no *Caderno 2*, em 17 de setembro de 1994 e também publicado no livro *Os sapos de ontem*, Tolentino reage, colocando-o na posição de “vaidoso prepotente” e “delirante autoritário” (TOLENTINO, 1995, p. 60) que se cobre “com suas quatro dezenas de volumes” (TOLENTINO, 1995, p. 62) e indaga: “Que ‘reputação de escritor’ é essa que não suporta começar ou acabar numa análise de texto? (TOLENTINO, 1995, p. 62, grifo do autor). Defendendo a ideia de que Campos não está a salvo de julgamentos, Tolentino reafirma a ideia de que as atuais posições do campo precisam ser superadas: “É tempo de que varram da cena as baleias auto-encalhadas na praia da História” (TOLENTINO, 1995, p. 63).

Essa ideia de colocar Campos na posição do que precisa ser superado, já é notória desde o título do livro: *Os sapos de ontem*. Algo *de ontem*, é claro que é algo passado, algo

⁸ Texto publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 16/09/1994 por Augusto de Campos em reação às críticas de Tolentino à tradução que fez do poema *Praise For Urn* de Hart Crane e também publicados no livro *Os sapos de ontem*

que precisa ser substituído. A referência ao batráquio é explicitamente um diálogo com o poema de Manuel Bandeira *Os sapos*, declamado por Ronald de Carvalho, nas escadarias do Teatro Municipal, na abertura da Semana de Arte Moderna de 1922.

Clame a saparia
Em críticas cétricas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas. (BANDEIRA, 2007, p. 170)

No poema de Bandeira, há uma crítica explícita ao *Parnasianismo* e seu *modus operandi*. No livro de Tolentino (fig. 01), há uma crítica aos que ele chamou de “sub-parnasianismo” (TOLENTINO, 1995, p. 47), ou seja, o movimento concretista e seus representantes.

O campo literário, como qualquer outro campo, é “um campo de lutas de concorrência que tendem a conservar ou a transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 1996, p. 263). Essa polêmica Tolentino-Campos revela muito do funcionamento dessa concorrência no campo literário brasileiro com seus agentes em disputa aberta, procurando alcançar ou defender seu espaço e, para tanto, lançando mão de todo *capital simbólico, cultural e social* possível.

2.2 OS LIMITES DA ESTRATÉGIA DE SUBVERSÃO

As disposições que vão se estabelecendo nos campos são produtos das lutas empenhadas por seus agentes e, ao mesmo tempo, interferem em sua posição. São essas dinâmicas que influenciam os processos de consagração e ostracismo.

Para Jonh Milton, no texto *Augusto de Campos e Bruno Tolentino: A guerra de traduções* “A tática de Tolentino foi errada” (MILTON, 2011, p. 16). No livro *A literatura brasileira hoje*, o crítico literário Manuel da Costa Pinto, corroborou essa ideia e chamou as intervenções públicas tolentianas de desastradas e as colocou como prejudiciais à recepção crítica de sua obra:

A recepção crítica de Tolentino foi comprometida por intervenções públicas desastradas: depois de ter passado quase 30 anos na Europa, o poeta voltou para o Brasil no início dos anos 90 e entrou em polêmica com os concretos, escrevendo ensaios agressivos e concedendo entrevistas debochadas, sendo rotulado como retrógrado, arcaizante (PINTO, 2004, p. 36).

Bourdieu nos lembra que todos os que entram no *jogo* “são levados às estratégias de subversão que, no entanto, sob pena de exclusão, permanecem dentro de certos limites.” (BOURDIEU, 2003, p. 122). Em outras palavras, toda *estratégia de subversão* é limitada. Reconhecer o valor do *jogo*, entender o seu funcionamento e respeitar as suas regras são pré-requisitos indispensáveis para alcançar as revoluções pretendidas. Por outro lado, nenhum autor se inscreve no campo sem estabelecer seus opositores, mesmo que se portar contra aqueles que já estão consagrados seja uma postura de risco.

Essa ação pode se tornar, inclusive, um meio de alcançar certa notoriedade. Essa dualidade se dá porque a postura beligerante interfere nas relações estabelecidas no campo e, ao mesmo tempo em que pode doar *capital simbólico*, pode prejudicar o reconhecimento, retardando-o. É uma relação de ambivalência. Como em qualquer investimento, pode causar perdas e ganhos.

Tolentino optou por entrar no *jogo* e com a arma da polêmica foi determinando seus interesses e apostas materiais e simbólicas, excluindo as vanguardas as quais para ele “nunca fizeram absolutamente nada além de receiptuários, um atrás do outro e todos instantaneamente caducos” (TOLENTINO, 2003, p. 35) e demarcando sua posição dentro do campo no “jogo de linguagem que aí se joga” (BOURDIEU, 1996, p 15).

As investigações, que por meio desse artigo se iniciam, apontam que as posições tomadas por Bruno Tolentino por meio da polêmica, dentro das estruturas sociais brasileiras dos últimos anos do século XX, foram, de fato, uma aposta que visava mudanças na estrutura do campo, ou seja, eram mesmo *tomadas de posição*. Cabe, em artigos posteriores, aprofundar os estudos para observarmos se e como tal postura ajudou a eclipsar a imagem do poeta em prol da imagem do polemista na memória do sistema literário brasileiro.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a postura polêmica e a posição de Tolentino no campo literário brasileiro carece ser mais amplamente perquirida. Essa postura que, de forma mais imediata, pode prejudicar a inserção do autor no campo pode, dentro de novas conjunturas, colaborar na aceitação do nome do autor. A posição de Bruno Tolentino no campo não é fixa, pelo contrário, vem gradativamente sofrendo mudanças que pode levá-lo a ser “objeto de culto póstumo” (MICELI, 1977, p. 24). Não se pode deixar de lembrar, inclusive, que Tolentino

já gozava de certa notoriedade. Dentro de um circuito literário fechado e específico, é conhecido e reconhecido por seus pares.

Tolentino e Campos são agentes no campo que estavam em enfrentamento direto e mútuo. Pode-se dizer que a postura de Campos, nessa polêmica, mesmo sendo um poeta de vanguarda, representou a “produção do discurso defensivo da ortodoxia”, (BOURDIEU, 2003, p. 121), apenas no sentido de querer a manutenção de sua posição no campo; enquanto a postura de Tolentino, mesmo sendo considerado arcaizante por seus críticos, representou a “heterodoxia, enquanto ruptura crítica, frequentemente ligada à crise” (BOURDIEU, 2003, p. 121), no sentido de pretender mudar o estabelecido no campo, visando alterar a sua posição nele. Tolentino mesmo situa-se enquanto instrumento de *revolução* e lembra que “Uma *revolução* faz-se sempre, e já por etimologia, no sentido de um retorno a algo perdido, ou descurado” (TOLENTINO, 1995, p. 25, grifo do autor).

Tanto uma postura quanto a outra fazem parte das propriedades dos *campos*. Essa tensão é sua característica mais elementar e os agentes estão suscetíveis a mudanças de posição, pois as rivalidades literárias fazem parte da própria dinâmica do campo e as *tomadas de posição* são “o produto e a aposta de um conflito permanente” (BOURDIEU, 1996, p. 263).

É exatamente assim que consideramos a polêmica destacada no *Caderno 2* do jornal *Estado de São Paulo* e no livro *Os sapos de ontem*: como produto e aposta das tensões do *campo*, portanto, uma importante *tomada de posição* de Bruno Tolentino dentro das configurações do campo literário brasileiro.

REFERÊNCIAS

ARARIPE JÚNIOR, T. A. *Araripe Júnior: teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edus, 1978.

BANDEIRA, Manuel. *Seleção em prosa e verso*. Organização Emanuel Moraes. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1960.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BUENO, Alexei. *Uma história da poesia brasileira*. São Paulo: G. Ermakoff Casa Editorial, 2007.

CAMPOS, Augusto; Pignatari, Délcio; Campos, Haroldo. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifesto 1950-1960*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

CAMPOS, Augusto. *Hart Crane: a poesia sem troféus*. Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, Caderno Mais, p. 11-12, 07 Ag, 1994.

CAMPOS, Augusto. Carta ao Sr. Júlio Mesquita Neto. In TOLENTINO, Bruno. *Os sapos de ontem*. Rio de Janeiro: Editora Diadorim, 1995.

COSTA PINTO, Manuel da. *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2004.

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura Social da República das Letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira – 1870-1930)*. São Paulo: Edusp, 1973.

TOLENTINO, Bruno. *Os sapos de ontem*. Rio de Janeiro: Editora Diadorim, 1995.